

# estudar

Eu, Cláudio, 18 anos, estudo no colégio José Lins do Rego, no 2º ano do ensino médio. Acho que sou diferente por vários motivos...

Sempre me pergunto: o que as pessoas vão fazer na escola?

Aprender por quê?

Acho que é uma ridícula obrigação.

Não, não, não, a escola é legal, os professores são fundamentais. Professores, lembrei, são aquelas pessoas que aprenderam um pouco mais do que nós, estudantes. Professores e estudantes, qual é a diferença? Nenhuma, o diferente deve ser o diretor, que pensa que comanda a escola. Escola é diversão, é

bagunçar em dia de prova, olhar bem na cara do professor e pensar: "foda-se, o seu conhecimento besta, pois sou jovem". Mas, droga, será que serei jovem para sempre? Penso nisso, mas não ligo.

Escola para mim é de segunda a quinta e, na sexta, é só pinga e maconha. Para quem gosta, rola até farinha. Ai, ai, drogas, ronda-escolar, mulheres, perigo... ensino.

-Não sou contra polícia na escola, mas também não sou a favor.

Mulheres, ou minas, como chamamos, sem palavras. Lá na escola, quem tem motor tem amor.

Podem me chamar de aluno revoltado com a vida escolar. Não sou apenas um aluno isolado, vejo o que acontece ao meu lado.

O problema é que brinco com coisa séria e não acompanho as matérias. Queria ser

um "cdf". Não sou, mesmo assim gosto de mim.

O bom de tudo isso, na verdade, são alguns amigos, que dá pra contar nos dedos.

Só tenho mais uma coisa a dizer: escola, "nego", não ensina a viver, e viver é errar, e, depois, quando menos se espera, aprender. Essa é a maior escola de todas: a vida. Mas, em todo caso, estudem.

Cláudio (ganu) Sacramento



## um aluno diferente

Fernando\* tem 17 anos, faz o segundo ano do ensino médio, na Escola Estadual Jose Lins do Rego. Entrevistamos -o porque ele é homossexual. Normal, só que junto os hormônios explodindo nos adolescente com a ignorância da população, resultou um caso nada agradável.

No começo do ano, Fernando sofreu discriminação por parte de alguns alunos da sua sala, que o chamavam de *fofolete* e jogavam nele bolinhas de papel.

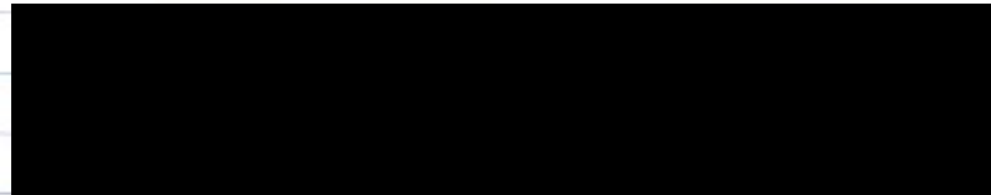
Ele diz que não se importava, mas as bolinhas de papel acertavam as suas amigas. Então comunicou a direção da escola, que chamou a atenção dos meninos e agora deixam -o em paz.

"Quando minhas amigas estão conversando com meninos e eu me aproximo eles saem de perto. Não tenho amizades com garotos, pois eles não gostam de se relacionar comigo. As vezes tenho vontade de não vir para a escola, mas se ficar pensando assim eu não viverei", diz Fernando.

Pedimos para ele deixar uma mensagem para as pessoas que sofrem a mesma situação, ele fala: "Nunca se prive de fazer aquilo que gosta".

\*nome fictício

Juliana Rodrigues



# para quê

## professores eventuais

Um assunto que passa despercebido dentro da sociedade e o papel de um professor eventual dentro da escola. Professor eventual e um professor contratado pela escola para substituir a falta de um professor efetivo.

O becós e Vielás entrevistou a coordenadora pedagógica Ellen Virginia Pires do Amaral, 29; o professor Alexandre M.O. Valentim, 37 que dá aulas de geografia e eventuais há dois anos, e formado, mas ainda faz curso na USP; e a aluna Damiana Gomes de Albuquerque Sousa, 28.

Segundo a aluna Damiana "tem uns que você até agradece alguma coisa, mas tem uns que e a mesma coisa que nada, na minha opinião só tinha que ter eventual se o professor que faltou deixasse alguma coisa, do contrário eu vou dormir ou então fica olhando pra cara do professor". A coordenadora pedagógica na sua entrevista entre outras coisas ela explicou qual a formação básica de um eventual "ele tem que estar cursando o ensino superior

Francielle Jordânia



Professor Mário Cesar em sala de aula

ou ter concluído, nos tentamos dividir o professor em três áreas, códigos e linguagens, português, inglês e artes; ciências humanas, geografia história ou filosofia; e exatas matemática física química, mas nem sempre isso funciona porque as vezes um professor da área de exatas tem que substituir as aulas de português por exemplo. Nos temos um planejamento que funciona muito bem até as oitavas séries, mas quando chega no ensino médio o aluno não admite que o eventual passe lição no lugar do professor normal, por isso são dados as aulas de temas transversais, que foi um parâmetro lançado pelo governo federal(PCM)parâmetros curriculares nacionais, e são trabalhados temas como saúde, ética, cidadania e pluralidade cultural"O professor Alexandre segundo seu depoimento ele diz: "é difícil lidar com os alunos porque uma sala cheia de 40 alunos são 40 personalidades diferentes, e complicado também dar aulas eventuais porque é difícil ter todo o conhecimento de todas as disciplinas e a escola não proporciona uma preparação para esse professor".

Fabiana Verissimo

## professor também é aluno

Becós e Vielás entrevistou Mário César, 38 anos, professor de geografia do colégio José Lins do Rego, situado no Jardim Ângela, Zona Sul. Mário tem como objetivo principal diversificar as aulas com músicas, vídeos etc. Isso o faz ser considerado um professor diferente, que, além de ensinar, se preocupa com o bem estar do aluno. "A minha tentativa é de ajudar no processo de formação em prol da vida". O que realmente pretende é fazer com que os alunos se interessem mais pelas aulas.

A maioria dos alunos está acostumada com o tipo de aula padrão e não gostam das aulas do professor Mário. Segundo ele, "a liberdade para dar uma aula diferente, implica sair desse padrão, e isso se constrói com determinação, ousadia e coragem".

O importante é fazer com que o aluno se interesse pela escola, e que a mesma não seja vista como algo obrigatório. "Quando os alunos rejeitam a escola é porque ela não tem significado na vida deles", diz.

Como Mário utiliza ferramentas que não são comuns numa sala de aula, o conteúdo da matéria, importante para alunos que vão prestar o vestibular, acaba não sendo concluído. "Não estou preparando ninguém para o mercado, que é excludente e opressivo. A minha tentativa é de criar mecanismos que possibilitem uma consciência mais crítica do mundo junto ao aluno."

O vice-diretor Edeumiro Fernandez Ricon da E.E. Dom Duarte Leopoldo e Silva no Bairro do Socorro compartilha a mesma ideia. "As normas da minha escola foram instituídas através do regime escolar (professores, pais e alunos), tudo passa pelo conselho. Sempre digo aos alunos, lutem com muita garra e dedicação no desenvolvimento da vida de vocês, nunca desanimem. Para que o ensino funcione é necessário haver aulas diversificadas. Acabou a época do giz e do apagador."

Francielle Jordânia e Jaqueline Alves

## “fundão e frentinha”

Uma questão polêmica dentro das salas de aula superlotadas do ensino público é a difícil convivência entre alunos e professores. Entrevistamos dois alunos que sofrem esse problema de convivência. Eles fazem parte do que chamamos turma do fundão e da frente. Ambos estudam no EE Professor Luiz Magalhães de Araújo e cursam terceiro ano do ensino médio. Alexandre Tavares Durso de Oliveira, 18 (Chande), e Leonardo Costa Oliveira, 19 (Léo). Os dois estudam na mesma sala.

Chande “A maioria das pessoas com quem me dou melhor estuda no fundo. Acho que o lugar que gente senta na sala não tem nada a ver, vai do esforço de cada um. Tem professor que não deixa o aluno mostrar sua inteligência, talvez por ele sentar no fundo, ficar assim de “boa”, o professor acha que ele é burro, eles deveria dar mais atenção pros alunos e não ficar dando aula pros CDF S da frente. Eles querem que os alunos sentem só na frente, ficar só escutando os professor fala sem parar, uns alunos meio “múmia”, eles queriam ser topo das atenções o pessoal do fundo como fala mais, é mais criticado.

Léo “Não tenho preferência, sento na frente porque o fundo não me proporciona um ambiente de aprendizagem. Os alunos que preferem o fundo eles ficam no fundo justo pra bagunçar, quanto mais longe da professora melhor. Mas no fundo você pode até achar alunos bons. O professor não sele-

Francielle Jordânia



Pixação na escola E.E. José Lins do Rego

ciona aluno capacitado ou incapacitado. Quando acontece essa seleção e por comportamento não por QI”.

## progressão continuada

A progressão continuada surgiu na era Covas-Alckmin. É um sistema que visa aproveitar o aluno de forma global para acabar com a evasão escolar. Com ela, o aluno cursa um ciclo e não apenas em uma série. Assim, pode-se ter uma visão mais global do aluno. No sistema serial, o aluno repete em uma matéria e, no ano seguinte, tem que refazer tudo. A repetência é um fator que desestimula o aluno. E faz ele perder o interesse pela escola, causando afastamento e traumas em relação aos colegas. Para o Estado, o sistema serial significa mais gastos, já que um só aluno pode ter que cursar o mesmo ano várias vezes. Agora, com o sistema de progressão continuada, o Estado tem mais gastos depois, com a exclusão desse aluno do mercado de trabalho. Além disso, a fraca estrutura escolar atrapalha ainda mais: professores despreparados e escolas superlotadas e pichadas, sem os equipamentos necessários, como salas específicas de DP. Ou seja, o sistema de ensino não está preparado para a progressão continuada. Na teoria, esse novo sistema é uma boa ideia, que não exclui os alunos e que os avalia por um ciclo não por uma série. Na prática, é um sistema que dispersa os alunos e transforma as escolas, somente em locais de entretenimento.

A aprovação automática é um sistema onde o aluno com pior desempenho no ano letivo tem a oportunidade de recuperar-se no mês de janeiro. Neste curto período, é impossível recuperar aquilo que não se aprendeu no fraco nível educacional oferecido pelo governo do Estado de São Paulo.

Mesmo com essa ineficácia, todos que fazem recuperação em janeiro acabam passando de ano. É fácil encontrar estudantes que tiveram essa experiência.

Eu, Rogério Oliveira, passei por isso e digo: durante o ano de 2000 observei que não estava acompanhando o desenvolvimento dos demais alunos. Sabia que iria ser aprovado, mesmo despreparado, mas optei pela repetência. Para isso, parei de frequentar as aulas a partir do terceiro bimestre. No final do ano, consultei a direção para saber da minha situação. Disseram-me que seria aprovado se frequentasse a recuperação de janeiro.

Fiquei perplexo e pensei: se continuar assim, como estarei na conclusão dos meus estudos?

Acabei fazendo novamente o segundo ano do ensino médio, que, na verdade, é muito fraco.

## parceiros do futuro

Parceiros do Futuro é um projeto que envolve a comunidade e alunos, em atividades esportivas, culturais e em cursos profissionalizantes. Tentando evitar que a maioria dos jovens se envolvam com drogas.

O projeto foi fundado em 1999, pelo governo de São Paulo, sendo coordenado pela Secretaria de Estado, Entidades Cívicas e voluntários. Este projeto funciona em 400 escolas,

que permanecem abertas nos fins de semana, tendo aulas de capoeira, dança, vôlei, curso de informática e aulas de grafite.

Juliana Santos

## escola x aluno

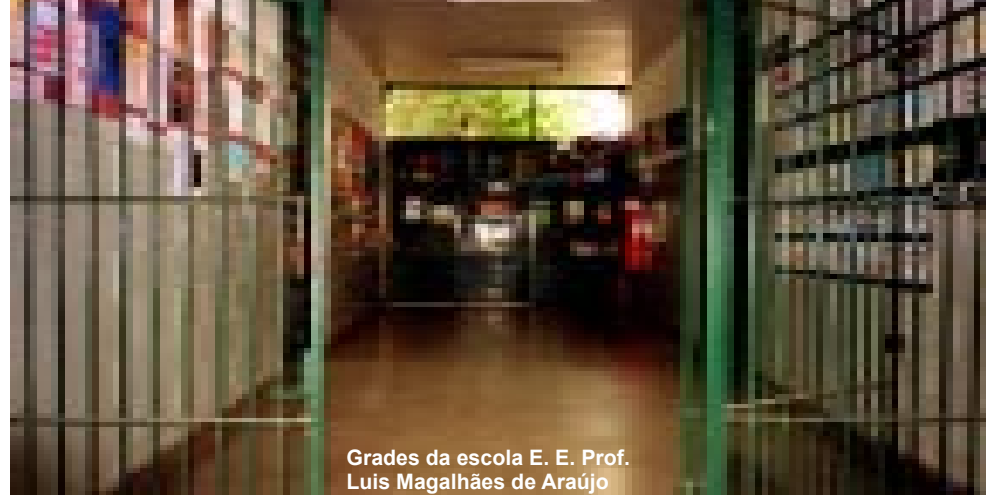
A ideia do “Parceiros do Futuro” é ótima, mas como fazer o aluno ter prazer e se envolver com a escola nos dias de semana? No Jardim das Flores, existe um caso da diretoria, dos professores e dos estudantes da Escola Estadual Vicente Leporace por torná-la um pouco mais atraente.

De quem seria essa obrigação? Dos alunos, da direção ou dos professores?

Segundo o professor de história Messias Souza Ramos, os alunos é que deveriam se organizar e desenvolver atividades como teatro, festivais e palestras.

E a diretoria, deveria apenas instalar câmeras de vídeo no pátio, grades nos corredores e assinar documentos?

Este ano, foi organizada uma palestra sobre



Grades da escola E. E. Prof. Luis Magalhães de Araújo

Fabiana Verissimo

## segurança e policiamento

Já está provado que, nas escolas das periferias brasileiras, o policiamento não traz segurança, pelo contrário, a presença do policial revestido de autoridade e fazendo mau uso da mesma provoca tensão e desconforto entre os alunos.

O Becos e Vielos ouviu o relato de Wagner Carbonari, diretor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mauro Facio Gonçalves Zacarias: “Quando cheguei na escola, há seis anos, existiam muitos problemas com a segurança. O único policial, que era pai de um aluno, não aparecia com frequência e, quando vinha, causava tumulto entre os alunos, que não o aceitavam. Eu fiquei aliviado quando ele passou a não vir mais. Cheguei a ouvir casos em que um casal de alunos fez sexo na quadra de esportes”, diz. Isso prova que mesmo com o policial presente esse tipo de incidente ainda acontecia.

Por meio de reuniões da diretoria com o conselho da escola (alunos, pais, funcionários e membros da comunidade), algumas medidas para melhorar a segurança foram sendo tomadas e iniciou-se o processo de conscientização dos alunos, para que utilizem livremente o espaço da escola. O único caso grave que o diretor enfrentou após dois anos sem policiamento foi quando um ex-aluno deitou na quadra e, de forma agressiva, disse que não iria sair. “Ele me perguntou se eu não chamaria a polícia, e eu disse que não. E isso foi uma coisa que eu nunca fiz”, conta.

Se o diretor não o fez é porque conhece o aluno e sabe que o policial não iria resolver o problema da melhor maneira, assumindo seu papel de simples repressor.

Há dois anos a Guarda Civil Metropolitana passou a trabalhar dentro das escolas para “assegurá-las”. No entanto, os alunos continuaram sem aceitar a presença dos policiais pelos mesmos motivos. O lugar de trabalho do policial não é na escola recriminando alunos e “cantando” alunas, mas, sim, desses altos muros para fora.

O diretor disse que, neste ano em que o policiamento é diário no período noturno, o combinado é que os policiais fiquem no estacionamento, prontos para ajudar apenas em problemas graves, pois, segundo ele, a conversa é a base para resolver os problemas.



Policiais da Guarda Civil Metro-

“A maioria das escolas estaduais da periferia de São Paulo está com sérios problemas de segurança. Isso ocasiona medo em alunos, pais e professores. Os conselhos escolares se vêem, então, obrigados a tomar decisões mais bruscas. Constróem portões, portas de aço e grades reforçadas, o que acaba dando a sensação de que se está em uma prisão.

Será que seu filho precisa ser tratado dessa forma? Será que um dia a própria comunidade entrará em ação para cuidar de seu futuro? Se a comunidade participasse das atividades dentro das escolas, provavelmente diminuiria bastante a violência. Policiais afirmam que é necessária sua presença, mas não descartam a possibilidade de moradores contribuírem para melhorar a segurança.”

Carlos de Oliveira, 20 anos, acabou de completar o ensino médio.

a Alca na escola. A direção permitiu, mas fez de tudo para atrapalhar, abrindo os portões para dispersar os alunos. A diretora Eledir Maria Tuccillipelti disse que, na sua escola, os alunos não seriam obrigados a assistir à palestra.

O problema de diálogo com a diretora é apontado até mesmo pela coordenadora do “Parceiros do Futuro”, Elisa Ferreira. “Antigamente, tínhamos 1.500 pessoas por final de semana. Hoje, com a falta de participação da diretoria e o impedimento de esportes como o hóquei sobre patins, o número caiu para 700.”

É difícil dizer se uma pessoa com a cabeça tão fechada está preparada para ser diretora. A diretora Eledir não quis nos dar a honra de seu depoimento.